

FILOSOFIA LATINO-AMERICANA: IMITAÇÃO E AUTENTICIDADE

“Um americano tem que percorrer um longo caminho para chegar até a filosofia; quer dizer, até a necessidade irreduzível da filosofia; a seguir tem que empreender um segundo trajeto, rumo à sua perspectiva pessoal e insubstituível.”

(Marias).

José Dettoni

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

INTRODUÇÃO

Aceita a proposta do destacado pensador espanhol Julián MARIAS, como roteiro de nossas reflexões, dividiremos o trabalho em dois passos, buscando explorar a riqueza de sua sugestão. Não nos omitiremos, por outro lado, de tecer-lhe as críticas que acharmos devidas à sua visão de nosso labor filosofante. Trataremos primeiro do longo caminho a ser percorrido, e, em segundo lugar, do problema da autenticidade.

1. O LONGO CAMINHO

1.1. O Caminho é Longo — Se sabemos que “pensar dói” e se admitirmos que é mais fácil não pensar do que pensar, além de ser o longo caminho do filosofar, é também doloroso e difícil. Longo, porque vai desde a consciência infantil de um povo ágrafo, até a consciência adulta de um povo evoluído; longo, porque vai do mito imaginoso, passando pela estrada da dúvida, até chegar à reflexão crítica radical. Longo, porque a humanidade e o próprio gênio grego levou séculos para chegar lá.

1.2. É necessário percorrê-lo — Se o americano quiser chegar à filosofia, é imprescindível que percorra esta estrada, por mais longa (e penosa) que seja. Se não quiser ficar a meio do caminho, é mister que ande, sem desfalecer, em busca da reflexão; que não perca mais tempo nos remansos da imaginação, ou com o grandioso de sua natureza e de seu espaço.

A infância, despreocupada e dependente, inconsciente e distraída do americano, deve ser deixada, em busca da consciência e da reflexão sobre o real circundante e transcendente.

1.3. A América ainda não o percorreu — Dizer que temos de “percorrer um longo caminho”, é pressupor que ainda não o percorremos. Permitimo-nos discordar de Julian Marias, porque, a bem da verdade, se, ao longo desses nossos quatro séculos e meio de história, não demos ainda largos passos no labor filosófico e na pesquisa profunda, sem dúvida, como refere Escobar¹, mais de oitocentas obras e cento e cinquenta autores não podem ser esquecidos nem minimizados.

Se os europeus não nos conhecem ou não nos levam em conta, isso não deve significar, para nós, que não demos nenhum passo no árduo caminho do filosofar.

Nossa história da filosofia é mais mimetismo do que iniciativa, mais importação do que criação. Estamos ainda, no dizer de Mendoza² “sob o signo do natural e do prodigioso”. Mas daí a não termos feito, há boa diferença.

1.4. Ao final do longo caminho está a filosofia — O ilustre discípulo de Ortega nos sugere que, se agüentarmos o longo caminho a ser percorrido, do mito à razão, ao final encontraremos a “filosofia”; chegaremos a ser filósofos; deparar-nos-emos com o irredutível, com o nível filosófico, com a altura da filosofia, com o que merece este nome. Será a recompensa do longo caminho.

Quem sofreu para subir a íngreme montanha, chegará ao seu topo, além do qual não há mais alturas. Mas...

1.5. Que filosofia é essa? Será a greco-européia? Será que, por ser milenar, tendo amadurecido ao longo de tantos séculos, e influenciado o mundo romano, servido de suporte esquemático do Agostinismo, do Tomismo e tantos outros ismos da Civilização Ocidental, será que, por isso, é a única que merece o nome de Filosofia propriamente dita? Será a única, a absoluta, a universal? Terá esgotado o limite do filosofar? Será que nossa mãe Grécia e nossa mãe Europa pensaram tudo ao extremo, esgotaram os horizontes da razão e da reflexão?

Se a filosofia é, por natureza, aberta, (e quem o negará?) como e por que colocar uma dada filosofia como padrão exclusivo?

Será que o pensamento americano, para adquirir faro de filosofia, precisa padronizar-se ao molde grego, ao europeu, à “filosofia perene”, inúmeros autores americanos e europeus querem supor?

1.6. Quem já percorreu este caminho? Os europeus? Sem dúvida os europeus percorreram o caminho da filosofia. A filosofia que mais influenciou o “Mundo” nos últimos milênios. A filosofia que mais progresso trouxe e mais fracassos também, já que tanto a ideologia capitalista quanto a comunista são filhas da filosofia européia e mães das maiores catástrofes contemporâneas.

Mas será que percorreram “o” caminho “da” filosofia ou de “uma” filosofia ? Será que percorreram o caminho ou “um” caminho ?

Ficamos com a segunda alternativa, já que, como vimos acima, a filosofia é aberta e não fechada a um tempo, a um lugar, a uma época, e uma problemática.

1.7. E nós estamos no começo do longo caminho ou ainda não sabemos qual é ?

Sem querermos extrapolar quanto ao verdadeiro pensamento do filósofo em epígrafe, parece-nos sugerir que ainda nem sabemos qual o caminho a seguir, do contrário, não no-lo diria ele.

Que a filosofia vá às raízes, vá ao irredutível, creio que os americanos o sabemos.

Mas, em parte, em boa parte, Marias tem razão, porque, se soubéssemos de fato, em vez de perdermos tanto tempo em imitar os europeus, em pedir-lhes conselhos, em importar enlatada sua filosofia, usaríamos mais a nossa cabeça, mais a razão do que a memória, mais a reflexão do que a imitação.

Dado, porém, o fato de nosso quase total cerceamento teórico-prático, condicionado pelo quadro sufocante da dependência sócio-político e cultural em relação à América do Norte e Europa, é oportuno ouvirmos o que nos pergunta Jara³, referindo-se a esse contexto:

“Quem pensa ? ... quem está em condições de pensar... quem pensa, desde donde, como porque e para que (ou para quem) pensa ? ”

Não queremos citar nomes aqui, porque, se o fizéssemos, a lista seria muito longa, mas apesar do nosso começo, temos figuras que, mesmo não tendo conseguido a envergadura de um Tomás, de um Hegel, de um Kant ou de um Heidegger, teriam melhor apreço entre os europeus (e entre nós também) se europeus fossem.

1.8. O final do caminho: a arena comum do irredutível — Com todo o acerto, alude Marias ao irredutível da filosofia. Poderíamos completar e completamos: a filosofia do irredutível. O irredutível, o perfeito, o “inultrapassável”, não foi conquistado pela filosofia. Se já o tivesse conquistado, ela não teria mais razão de existir.

Ao falarmos do irredutível da filosofia e a filosofia do irredutível, encontramos-nos no campo específico do filosofar.

Aconselha-nos, indiretamente, o filósofo, que nos serve de guia e motivo dessas reflexões, a que não nos detenhamos a meio do caminho, como muitos de nós americanos fazemos e fizemos, a filosofar sobre o particular, sobre o detalhe, o concreto, o específico, sem antes alcançarmos as alturas do geral, do universal.

Como podemos efetivamente penetrar no específico do homem americano, sem penetrar no específico da natureza humana? Como entender o cosmos americano, para usarmos a linguagem de Caturelli⁴, sem entendermos o cosmos?

Como entendermos o tempo e o espaço americanos, sem entendermos o tempo e o espaço?

A própria Ciência Moderna, que tanto preza o particular, o singular, dele nada poderá falar, sem antes subir ao horizonte da universalidade.

Os gregos em particular, e os europeus em geral, ainda hoje projetam luz sobre a Civilização Ocidental e os seus frutos, a Ciência e a Tecnologia Contemporânea determinam o "modus vivendi" do mundo inteiro hoje, e quiçá, amanhã, porque souberam não parar no caminho, distraídos pelas cores do particular, ou pela forma do concreto, mas subir até o mais alto da especulação universalizante.

Se nós quisermos de fato merecer o nome de filósofos, não podemos deixar por menos. Temos que tender para o irreduzível, perseguir-lo, paciente e tenazmente.

A isso nos convida o epigrafado pensador ibérico.

2. A AUTENTICIDADE

2.1. A dependência como não-ser-americano-filosófico — Se a dependência de nossa América em relação à Europa e à América do Norte é grande, na política, na economia e na cultura, como um todo (e isso nos asfixia), é no campo filosófico que se caracteriza como expressão de não-ser-americano.

Enquanto não formos capazes de pensar com nossas cabeças, não somos, como filósofos. O nosso ser filósofo não existe. Dependência filosófica não só caracteriza inexistência de filosofia, como atraso filosófico.

Importar filosofia é chegar aqui de mãos (ou de cabeças) vazias. A importação, a imitação e a repetição, se relativamente toleráveis no campo das coisas e da tecnologia, em filosofia são absolutamente intoleráveis.

É neste sentido que está com a razão Gomes⁵ ao nos alertar sobre a falta de filosofia nossa, apesar de haver "filosofia entre nós", a mera "razão ornamental" e "razão afirmativa".

A tomada de consciência dessa dependência, como nos lembra Lea⁶ e insiste Jara⁷, é o melhor ponto de partida para o segundo trajeto proposto por Julian Marias.

2.2. A Independência como não-ser-americano — A faca de dois gumes corta em ambas direções. Esta faca perigosa, que corta nossa missão filosófica e a líquida, tem o gume da dependência, acima analisado e tão acerbamente criticado por tantos pensadores americanos, como, entre outros, Gomes⁸, Caturelli⁹, Quesada¹⁰ Cárdenas¹¹, e o gume da independência.

Para fugir da dependência, buscar uma independência absoluta é absurdo e anti-histórico. Muitos autores, em nome da História e da historicidade, advogam essa independência absoluta, mal percebendo que a simples noção de história implica um passado.

A filosofia americana, para ser autêntica, precisa ter raízes, precisa não negar as raízes. Para continuar sendo, para não perder o seu ser, precisa estar ligada ao seu passado, (que obviamente é europeu).

A independência absoluta e nervosa é buscada pelo adolescente; mas isto só mostra que ele é adolescente. Logo perceber seu equívoco, e mudar, se quiser evitar o fracasso.

2.3. Autenticidade americana — Se nós “somos nós e a nossa circunstância” como ensina Ortega, nós somos só nós (e não os outros) e nossa circunstância é só nossa (e não dos outros). O nosso cosmos é só nosso. É caracteristicamente nosso. Assim como os europeus pensaram e pensam sua realidade, nós podemos e devemos pensar a nossa. Mas pensá-la ao nosso modo, ao nosso estilo. Um americano é um americano; um pensamento americano é um pensamento americano, pensado por americanos.

Não somos europeus, não somos indígenas, não somos africanos. Somos a simbiose de tudo isso. Somos mais do que isso e menos do que isso; somos americanos.

Perdoamos a Hegel sua falha (pouco perdoável) em nos não contemplar na sua visão de História¹². Perdoamos o não nos ter conhecido adequadamente, mas de modo algum com ele concordamos.

E a Keyserling¹³, que nos viu como mera “levedura da criação, coisa cega e obtusa”, também perdoamos sua visão unilateral.

Agradecemos a Ortega¹⁴, sua interpretação mais otimista, mais que sejamos só esperança, não nos basta. Esperança de quem e para quem ? Somos “nós”. Nós “somos”. Adultos e não mais crianças. Nós já nos vemos no contexto das noções e do pensamento, apesar de Hegel, Keyserling, Ortega e outros mais.

Nós somos maduros. Somos jovens. Se isso significa termos pouca experiência, significa também grande perspectiva pela frente.

Como diz Mendoza¹⁵, “a América Latina é um fato novo: nem ibérica, nem européia, nem autenticamente nativa, mas uma integração dinâmica de todos esses fatores”.

E ainda, no dizer de Marcondes César¹⁶, "A América desperta como consciência e isto quer dizer: aprende a conhecer a si mesma, não na superfície de sua especificidade, mas na radicalidade humana de sua experiência".

2.4. A Interdependência como ser transamericano — O americanismo como visão fechada, independente, é inaceitável, dada a própria natureza aberta da filosofia. Uma visão continentalista de filosofia, é, no mínimo, retrógrada. Interdependente e criadora deve ser a tarefa do filósofo, tanto americano quanto de qualquer parte do mundo.

Deve o americano transcender seus horizontes para se enriquecer e enriquecer os outros. Filosoficamente ser americano é ser transamericano. É ir além de suas fronteiras. É colaborar com o pensamento mundial. É ser aberto para além dos horizontes continentais.

2.5. O Diálogo filosófico — Na sua circunstância, o homem é rico e pobre a um tempo. É enriquecido pela sua circunstância, mas também é cercado e limitado por ela. Se, pois, ele se abrir, em atitude dialogal com os outros homens, cujas circunstâncias são outras, o enriquecimento será mútuo.

Fazemos nossas as palavras de "Marcondes César"¹⁷, quando diz, referindo-se às relações Europa-América Latina: "Cabe à Europa recuperar a dimensão emotiva, que se faz anunciar no pensamento americano; cabe à América Latina elevar-se ao plano racional, incorporando a originalidade de sua experiência vivida ao patrimônio do pensamento ocidental".

Pelos caminhos das "idéias claras e distantes" e pelas sendas do "racional é real e o real é racional", não terá a Europa perdido de vista a dimensão estética e misterial da vida humana? E não estará a América Latina ainda por demais embevecida nas ondas da emoção do fantástico-mítico Novo Mundo?

Entrecruzarem-se as taças da razão européia e da emoção latino-americana só fará bem a ambas e ao mundo.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) CARDENAS, O., "América Latina e a Filosofia Existencial", in Revista Brasileira de Filosofia, 1960 — pág. 524.

(2) CATURELLI, A., "América Bifronte", Edit. Troquel, B. Aires, p. 67.

(3) CATURELLI, A., opus cit.

(4) *Ib.*, opus cit. p. 31.

(5) *Ib.*, p. 38.

(6) *Ib.*, p. 34.

(7) ESCOBAR, R., "A Utopia Como Constante Filosófica na América, in Atas do IX-Congresso Interamericano de Filosofia, Caracas, 1979.

(8) GOMES, R., "Crítica da Razão Tupiniquim", Ed. Movimento, Porto Alegre, 1979, p. 104.

- (9) *Ib.*, opus cit.
- (10) JARA, J., "O Lugar Histórico do Pensar Latino-americano", in *Revista Brasileira de Filosofia*, 1960.
- (11) *Ibid.*, opus cit., p. 217 – 218.
- (12) JEA, L., "História das Idéias na América Hispânica", in *Revista Brasileira de Filosofia*, 1960.
- (13) MARCONDES, Cesar C., "Vicente Ferreira da Silva, Trajetória Intelectual e Contribuição Filosófica", tese de Livre-Docência, – Campinas, 1980, p. 94.
- (14) *Ib.*, p. 91.
- (15) MENDOZA, A., "A América diante da Filosofia", in *Revista Brasileira de Filosofia*, 1960.
- (16) *Ib.*, opus cit., p. 531.
- (17) QUESADA, M., "Possibilidades e Limites de Uma Filosofia Latino-Americana", in *Atas IX-Congresso Interamericano de Filosofia – Caracas*, 1979, p. .